

ECOS DE CEIBA E MÁTRIA: POÉTICAS FEMININAS DA GUINÉ EQUATORIAL COMO FUNDAMENTO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE ESPANHOL¹

Lilian de Souza Batista Silva¹

¹UFRN/FELCS, PROFLETRAS/UFRN e G-Pieford/CNPq/FELCS/UFRN, Currais Novos/RN, Brasil, lilian.souza@ufrn.br

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão teórico-crítica acerca da incorporação das poéticas femininas da Guiné Equatorial ao ensino de Espanhol como estratégia de consolidação de uma pedagogia antirracista e decolonial. Parte-se do pressuposto de que o cânone literário hispânico, historicamente estruturado sob bases eurocêtricas, contribuiu para a invisibilização de produções africanas em língua espanhola, especialmente aquelas elaboradas por mulheres negras. Nesse contexto, analisam-se as obras de Raquel Ilonbé (1978, 2019) e María Nsue (1985) como expressões literárias que articulam memória, diáspora, identidade e resistência ao racismo estrutural e ao patriarcado. A partir de um referencial teórico ancorado na crítica decolonial e no pensamento antirracista, com destaque para Djamila Ribeiro (2019) e Lélia Gonzalez (2020), argumenta-se que a inserção dessas autoras no currículo escolar contribui para a reconfiguração da geografia linguística do espanhol, compreendido como língua transcontinental atravessada por matrizes africanas. Metodologicamente, trata-se de pesquisa bibliográfica e analítico-interpretativa, com enfoque na leitura crítica de obras selecionadas e de estudos sobre literatura negro-africana em espanhol. Conclui-se que a literatura guinéu-equatoriana feminina constitui instrumento pedagógico potente para a desnaturalização de narrativas coloniais, para o fortalecimento da consciência racial e de gênero e para a construção de práticas educativas comprometidas com a justiça epistemológica.

Palavras-chave: Literatura guinéu-equatoriana. Ensino de Espanhol. Antirracismo. Decolonialidade. Feminismo negro.

1 INTRODUÇÃO

A discussão acerca da formação literária no ensino de Espanhol impõe, na contemporaneidade, a necessidade de revisão crítica dos fundamentos que historicamente sustentaram a constituição do cânone hispânico. Embora a língua espanhola seja falada em múltiplos continentes, a organização curricular ainda privilegia majoritariamente produções europeias e latino-americanas continentais, relegando a um plano secundário, quando não invisibilizando, as literaturas africanas de expressão espanhola. Tal lacuna não se configura

como simples ausência, mas como efeito da colonialidade do saber, que estabelece hierarquias entre territórios, corpos e epistemologias, reproduzindo no espaço escolar as assimetrias herdadas do processo colonial.

Nesse contexto, a literatura da Guiné Equatorial, único país africano cuja língua oficial é o espanhol, apresenta-se como campo estratégico para tensionar a narrativa eurocêntrica da hispanidade. Reconhecer a centralidade desse território no mapa linguístico do espanhol implica deslocar a compreensão tradicional de hispanismo e admitir que a língua se constituiu, historicamente, em meio a processos de colonização, resistência e negociação identitária. Trata-se, portanto, de compreender o espanhol como língua transcontinental, atravessada por matrizes culturais africanas que contribuíram para sua historicidade e vitalidade contemporânea.

No interior desse debate, as produções de Raquel Ilonbé (1978, 2019) e María Nsue (1985) emergem como expressões literárias de incontornável relevância. Ambas elaboram poéticas que articulam memória, diáspora, identidade e resistência, transformando a experiência da marginalização racial e de gênero em gesto estético e político. Ao converterem o silêncio imposto pela colonialidade e pelo patriarcado em voz autoral, essas escritoras inauguram um espaço discursivo que reconfigura a relação entre língua, território e pertencimento, oferecendo subsídios fundamentais para uma pedagogia literária comprometida com a justiça social.

Assim, este artigo parte da hipótese de que a inserção das poéticas femininas guinéu-equatorianas no currículo de Espanhol constitui estratégia formativa alinhada a uma perspectiva antirracista e decolonial. Ao ampliar o repertório textual trabalhado em sala de aula, não apenas se diversifica o cânone, mas também se promove a formação crítica dos estudantes, estimulando a reflexão sobre racismo estrutural, interseccionalidade e pluralidade cultural no mundo hispânico. A revisão curricular, nesse sentido, deixa de ser mera atualização bibliográfica para converter-se em ato político-pedagógico, orientado pela responsabilidade ética de construir práticas educativas mais equânimes e epistemologicamente plurais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: DECOLONIALIDADE, ANTIRRACISMO E REVISÃO DO CÂNONE

A fundamentação teórica deste estudo ancora-se na interlocução entre a crítica decolonial latino-americana, o pensamento antirracista contemporâneo e os estudos sobre literatura negro-africana em língua espanhola. Parte-se do entendimento de que o currículo

escolar é espaço de disputa simbólica e epistemológica, no qual se definem legitimidades culturais e hierarquias de saber. Assim, refletir sobre a inserção das poéticas femininas da Guiné Equatorial no ensino de Espanhol exige examinar os mecanismos históricos que produziram sua marginalização no interior do cânone hispânico.

A colonialidade do saber, enquanto prolongamento estrutural do colonialismo histórico, instituiu uma lógica classificatória que associou a Europa à universalidade e relegou as produções africanas à condição de alteridade periférica. No campo literário, essa lógica traduziu-se na consagração de determinados centros de produção cultural, em detrimento de territórios cujas vozes foram sistematicamente silenciadas. A revisão crítica desse processo demanda um reposicionamento teórico que reconheça a pluralidade constitutiva do hispanismo e confronte a ideia de homogeneidade cultural da língua espanhola.

Nesse horizonte, o pensamento antirracista brasileiro oferece contribuições fundamentais para compreender a dimensão estrutural das exclusões curriculares. Ao afirmar que o racismo organiza instituições e práticas sociais, Djamilia Ribeiro (2019) evidencia que a neutralidade pedagógica é ilusória: a omissão de determinadas vozes também constitui posicionamento político. De modo convergente, Lélia Gonzalez (2020) propõe um feminismo afro-latino-americano que articula raça, gênero e classe como categorias indissociáveis, oferecendo instrumental analítico para compreender a experiência histórica das mulheres negras em contextos coloniais e pós-coloniais.

Dessa forma, a fundamentação teórica aqui mobilizada sustenta a hipótese de que a inclusão das autoras guinéu-equatorianas no ensino de Espanhol não representa apenas ampliação temática, mas deslocamento epistemológico. Trata-se de inscrever no espaço escolar outras matrizes de pensamento e sensibilidade, capazes de tensionar a hegemonia eurocêntrica e promover uma formação crítica comprometida com a justiça racial e de gênero.

2.1 Decolonialidade, Colonialidade do Saber e Revisão do Cânone Hispânico

A noção de decolonialidade emerge como ferramenta analítica indispensável para compreender as permanências coloniais que estruturam os currículos contemporâneos. Ainda que os processos formais de independência tenham redefinido fronteiras políticas, a colonialidade do poder e do saber manteve-se operante, determinando quais produções culturais seriam reconhecidas como universais e quais permaneceriam à margem. No campo do hispanismo, essa lógica consolidou uma narrativa centrada na Espanha e, posteriormente,

em determinados polos latino-americanos, obscurecendo a presença africana na história da língua.

A literatura da Guiné Equatorial ocupa, nesse cenário, posição paradigmática. Por ser o único país africano de língua oficial espanhola, sua produção literária tensiona a cartografia tradicional do espanhol e evidencia o caráter transcontinental da língua. Autores como Donato Ndongo-Bidyogo (1984, 2000) e Mbaré Ngom Faye (2000) têm reiterado a necessidade de descentralizar o cânone e reconhecer a literatura guinéu-equatoriana como parte constitutiva dos estudos hispânicos, e não como apêndice exótico.

Revisar o cânone, portanto, não implica mera inclusão quantitativa de novos autores, mas reconfiguração qualitativa dos critérios de legitimidade literária. Ao incorporar vozes africanas e femininas, o ensino de Espanhol amplia seu horizonte interpretativo e desnaturaliza a associação entre hispanidade e branquitude, deslocando o centro de gravidade do discurso literário para uma perspectiva efetivamente plural.

2.2 Feminismo Negro, Interseccionalidade e a Escrita da “Mátria”

A abordagem das poéticas de Raquel Ilonbé (1978, 2019) e María Nsúé (1985) exige igualmente o aporte do feminismo negro e da categoria da interseccionalidade. Ambas as autoras inscrevem em suas obras a experiência da mulher negra submetida simultaneamente às violências do colonialismo e do patriarcado. Tal perspectiva antecipa debates contemporâneos ao evidenciar que raça e gênero não operam de modo isolado, mas articulado na produção de desigualdades.

No caso de Ilonbé (1978, 2019), a escrita poética converte a diáspora em espaço de memória e afirmação identitária, tensionando as fronteiras entre África e Europa. Já Nsúé (1985), especialmente em *Ekomo*, explicita as estruturas patriarcais que atravessam a sociedade pós-colonial, transformando a narrativa literária em instrumento de denúncia e resistência. Em ambas, a aquisição da voz constitui gesto inaugural de despatriarcalização do discurso e de reivindicação da identidade negra.

Nesse movimento, destaca-se a elaboração simbólica da “mátria”, conceito que desloca a centralidade da pátria, tradicionalmente associada à figura masculina e ao Estado-nação, para um território afetivo e epistemológico construído pela experiência feminina. A “mátria” configura-se como espaço de reconstrução histórica e de resistência à violência simbólica do racismo estrutural. Ao mobilizar tal categoria no ensino de Espanhol, possibilita-se aos estudantes compreender a literatura como campo de invenção identitária e

como prática de enfrentamento às hierarquias coloniais ainda vigentes.

Assim, a articulação entre decolonialidade, feminismo negro e revisão do cânone fornece base teórica consistente para sustentar a inserção das poéticas guinéu-equatorianas no currículo, reafirmando o compromisso do ensino de línguas com uma formação crítica, plural e socialmente responsável.

3 POÉTICAS DA VOZ E DA MÁTRIA: ENTRE MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E REEXISTÊNCIA

A análise das poéticas de Raquel Ilonbé (1978, 2019) e María Nsúé (1985) permite compreender como a literatura guinéu-equatoriana feminina se constitui como espaço de elaboração identitária e enfrentamento às heranças coloniais e patriarcais. Ambas as autoras escrevem a partir de contextos marcados por deslocamentos, silenciamentos e disputas simbólicas, transformando a experiência histórica da marginalização em matéria estética e política. Nesse sentido, suas obras não apenas ampliam o repertório do hispanismo, mas instauram uma ética da escrita comprometida com a memória coletiva e com a afirmação da negritude em língua espanhola.

No caso de Raquel Ilonbé (1978, 2019), a experiência diaspórica atravessa profundamente sua produção poética. A autora constrói uma lírica marcada pela tensão entre pertencimento e exílio, convertendo a saudade da terra natal em exercício crítico de rememoração. Sua escrita evidencia a fratura identitária produzida pelo colonialismo, ao mesmo tempo em que reivindica a ancestralidade africana como fonte de dignidade e resistência. A linguagem poética opera, assim, como território de reinscrição simbólica: o “negro”, historicamente associado à inferiorização racial, é ressignificado como potência cultural e espaço de memória. A poesia de Ilonbé (1978, 2019), ao articular identidade, raça e migração, instaura uma subjetividade bifronte que desafia as narrativas homogêneas da hispanidade.

María Nsúé (1985), por sua vez, radicaliza a dimensão política da escrita ao centrar sua narrativa na experiência da mulher negra submetida às estruturas patriarcais e coloniais. Em *Ekomo*, a autora revela as múltiplas camadas de opressão que incidem sobre a mulher Fang, evidenciando como o patriarcado tradicional e as heranças coloniais se entrelaçam na produção do sofrimento feminino. Sua narrativa desloca o olhar do centro masculino para a vivência da mulher silenciada, transformando o testemunho literário em ato de denúncia. A voz feminina, que antes se restringia ao espaço doméstico, emerge como clamor público,

configurando a escrita como prática de despatriarcalização e de contestação das hierarquias raciais.

Convergingo em suas diferenças estilísticas, Ilonbé (1978, 2019) e Nsúé (1985) elaboram aquilo que pode ser compreendido como a escrita da “mátria”: um território simbólico que ultrapassa a geografia física e se constitui como espaço afetivo, histórico e epistemológico. A “mátria” representa a reconstrução da identidade negra feminina a partir da memória ancestral e da resistência cultural. Ao transformar a língua espanhola, instrumento histórico de dominação colonial, em meio de afirmação identitária, essas autoras operam um gesto de reexistência, isto é, de existência insurgente que ressignifica o próprio idioma.

Dessa forma, as poéticas da voz e da “mátria” não se limitam à expressão individual, mas configuram projeto coletivo de reinscrição histórica. Ao inscreverem a experiência da mulher negra africana no interior do hispanismo, Ilonbé e Nsúé desestabilizam o imaginário eurocêntrico e ampliam os horizontes de compreensão da literatura em língua espanhola. Suas obras, portanto, constituem fundamento teórico e pedagógico essencial para a construção de um ensino de Espanhol comprometido com a pluralidade cultural, com a justiça racial e com a formação crítica dos sujeitos aprendentes.

4 IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE ESPANHOL: CURRÍCULO, PRÁXIS E RESPONSABILIDADE ÉTICA

A incorporação das poéticas de Raquel Ilonbé (1978, 2019) e María Nsúé (1985) ao currículo de Espanhol exige compreender o ensino de línguas para além de sua dimensão instrumental. Ensinar espanhol não se restringe ao desenvolvimento de competências comunicativas; implica também formar sujeitos críticos capazes de reconhecer a historicidade da língua e as relações de poder que atravessam sua expansão global. Nesse sentido, a presença da literatura da Guiné Equatorial no espaço escolar opera como deslocamento epistemológico, ao evidenciar que o espanhol é igualmente língua africana, constituída em meio a processos coloniais e pós-coloniais que demandam problematização.

Do ponto de vista didático-metodológico, a abordagem dessas autoras possibilita a articulação entre leitura literária, educação para as relações étnico-raciais e reflexão intercultural. A análise de poemas de Ilonbé (1978, 2019) e de trechos narrativos de Nsúé (1985) pode ser orientada por estratégias comparativas que coloquem em tensão textos do cânone tradicional e produções guinéu-equatorianas, evidenciando diferenças de perspectiva,

representação e autoria. Tal confronto favorece a desconstrução de estereótipos sobre a África e problematiza processos de exotização recorrentes na literatura colonial, promovendo o desenvolvimento de um olhar crítico sobre as formas de representação do “outro”.

Além disso, o trabalho com essas poéticas permite explorar categorias como identidade, diáspora, gênero e interseccionalidade em diálogo com a realidade sociocultural brasileira. A aproximação entre as experiências das mulheres guinéu-equatorianas e as vivências afro-diaspóricas no Brasil contribui para fortalecer a consciência histórica dos estudantes, ampliando o debate sobre racismo estrutural e desigualdades de gênero. Nesse processo, o ensino de Espanhol converte-se em espaço de formação cidadã, articulando língua, literatura e ética social.

Importa destacar, ainda, que a inserção dessas obras no currículo demanda preparação teórica do docente e planejamento pedagógico consistente. Não se trata de incluir textos africanos de modo pontual ou ilustrativo, mas de integrá-los organicamente às sequências didáticas, reconhecendo-os como parte constitutiva do universo hispânico. Tal compromisso implica assumir a responsabilidade ética de construir práticas educativas coerentes com uma perspectiva antirracista e decolonial, na qual a pluralidade cultural não seja exceção, mas princípio estruturante.

Por conseguinte, as implicações pedagógicas aqui defendidas ultrapassam a dimensão técnica do ensino e alcançam o campo político da formação docente. Ao promover a ampliação do cânone e a valorização de vozes historicamente silenciadas, o ensino de Espanhol reafirma seu papel na construção de uma escola mais democrática, capaz de reconhecer e legitimar múltiplas matrizes culturais no interior do espaço formativo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL E ANTIRRACISTA NO ENSINO DE ESPANHOL

A reflexão desenvolvida neste artigo permite afirmar que a inserção das poéticas femininas guinéu-equatorianas no ensino de Espanhol constitui gesto de responsabilidade histórica e compromisso epistemológico. Ao reconhecer a centralidade de autoras como Raquel Ilonbé (1978, 2019) e María Nsúé (1985), desloca-se a compreensão tradicional da hispanidade e amplia-se o horizonte interpretativo da língua espanhola, entendida como espaço transcontinental de produção cultural. Tal deslocamento não representa mera ampliação temática, mas reconfiguração crítica do próprio campo de estudos literários.

As obras analisadas evidenciam que a literatura é território de disputa simbólica, no qual se confrontam narrativas de dominação e projetos de emancipação. Ao transformar o

silêncio imposto pela colonialidade e pelo patriarcado em voz insurgente, Ilonbé (1978, 2019) e Nsue (1985) inscrevem no hispanismo experiências negras femininas que tensionam o imaginário eurocêntrico. Incorporar essas vozes ao currículo significa, portanto, reconhecer que a formação literária deve contemplar múltiplas perspectivas e historicidades, sob pena de reproduzir exclusões estruturais.

Do ponto de vista pedagógico, a valorização da literatura guinéu-equatoriana contribui para a construção de uma prática docente alinhada aos princípios da educação antirracista e da justiça epistemológica. Ao problematizar raça, gênero e colonialidade no ensino de Espanhol, promove-se uma aprendizagem que articula competência linguística e consciência crítica, fortalecendo a formação integral dos estudantes. A sala de aula torna-se, assim, espaço de diálogo intercultural e de reconhecimento das contribuições africanas à constituição da língua espanhola.

Em síntese, defender a presença dessas poéticas no currículo não é gesto suplementar, mas exigência ética de um projeto educativo comprometido com a pluralidade e a equidade. A literatura das mulheres guinéu-equatorianas revela que o espanhol não é monolítico, mas tecido vivo de memórias, resistências e reexistências. Ao acolher essa complexidade, o ensino de Espanhol avança na direção de uma pedagogia verdadeiramente decolonial, capaz de transformar o conhecimento em instrumento de emancipação e responsabilidade social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Org.: Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ILOMBÉ, Raquel. Ceiba. 2019[1978]. Disponible en:
<https://adriancuassolo.blogspot.com/2019/03/raquel-ilombedel-pozo-epita.html> Acceso en: 20 nov. 2025.

ILOMBÉ, Raquel. Ceiba. Madrid: Editorial Madrid, 1978. Jabardo Velasco, Mercedes. Desde el feminismo negro, una mirada al género y la inmigración. **Feminismos en la Antropología: nuevas propuestas críticas** 6 (2008): 39- 54, XI Congreso de Antropología: retos teóricos y nuevas prácticas. Ed. Liliana Suárez Navaz, Emma Martín Díaz y Rosalba Aída Hernández Castillo. Sin fecha. Web. 23 mayo 2012.

NDONGO-BIDYOGO, Donato. **Antología de la literatura guineana**. Madrid: Editora Nacional, 1984.

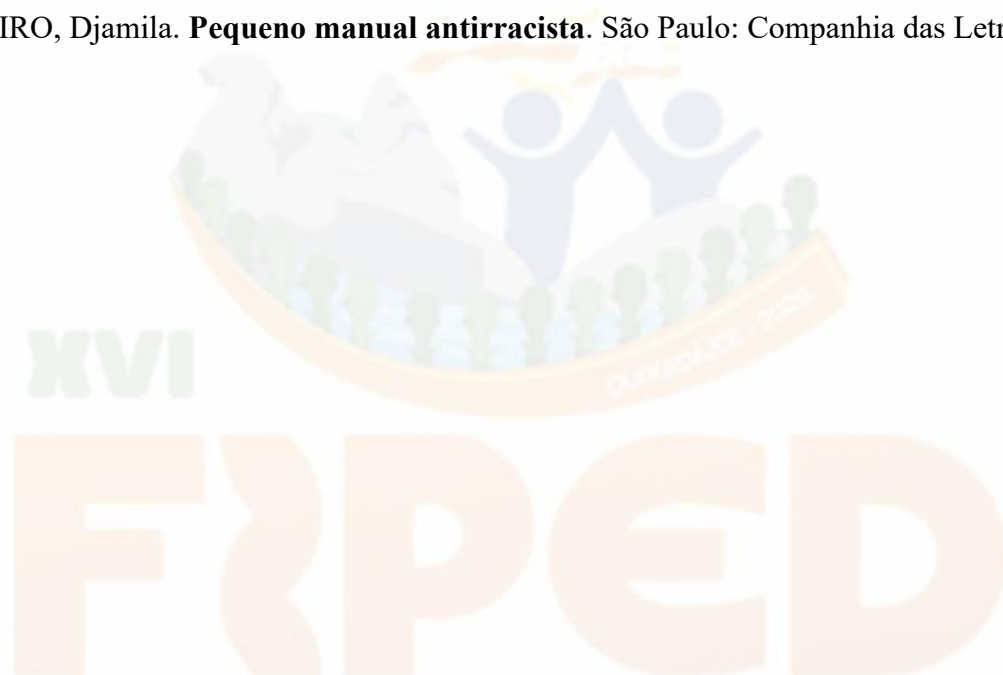
NDONGO-BIDYOGO, Donato y NGOM FAYE, Mbaré. **Literatura de Guinea Ecuatorial (Antología)**. Madrid: SIAL, 2000.

NOBILE, Selena. **María Nsué Angüe y Guillermina Mekuy**: de la escritura femenina en guinea ecuatorial a la construcción de una matría migrante. 2010. Web. 30 mayo 2012.

NSUÉ, María. **Ekomo**. Madrid: UNED, 1985.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **Conversas à volta da Ceiba**: a expressão banto-hispânica de Raquel Ilombé. Anais VII ENLIJE. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponible en: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/45319>>. Acceso en: 20 nov. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP